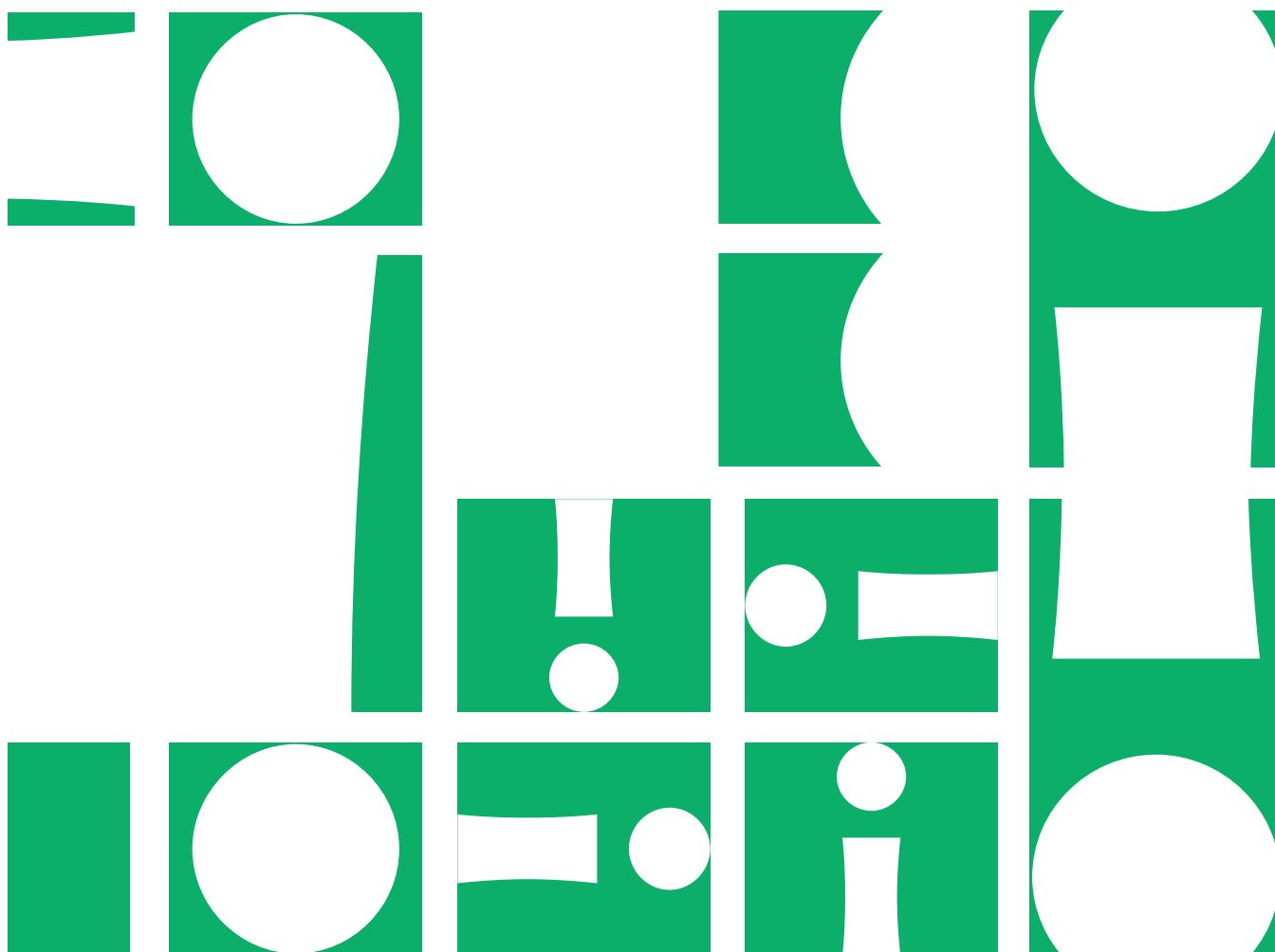


A Maturidade Modernista

[Artigo 2, páginas 24 a 41]



Gênese Andrade

É doutora em literatura hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado em literatura comparada pela Unicamp. Professora titular de literatura do Centro Universitário Faap/SP, pesquisadora e tradutora. Autora de *Pagu/Oswald/Segall* (2009), *Vicente do Rego Monteiro* (2013) e “Artistic Vanguard in Brazil, 1917-1967”, em *Oxford Research Encyclopedia of Latin American History* (2019). Organizadora de, entre outros volumes de *Feira das Sextas* (2004) e *Arte do Centenário e Outros Escritos* (2022), ambos de *Oswald de Andrade*, *Modernismos 1922-2022* (2022) e *Correspondência Mário de Andrade & Oswald de Andrade* (no prelo). Co-organizadora de *Un Diálogo Americano: Modernismo Brasileiro y Vanguardia Uruguaya* (2006) e de *Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago e Outros Textos* (2017). Coordenadora, com *Jorge Schwartz*, da edição atual da obra de *Oswald de Andrade* pela editora *Companhia das Letras*.

RESUMO

Em 1922, quando a Semana de Arte Moderna foi realizada, seus principais idealizadores e protagonistas: Anita Malfatti (1889-1964), Oswald de Andrade (1890-1954), Guilherme de Almeida (1890-1969), Menotti Del Picchia (1892-1988) e Mário de Andrade (1893-1945) tinham em torno de 30 anos, excetuando Di Cavalcanti (1897-1976).

Nos anos 1950, quando se comemoraram os 30 anos da Semana de 22, eles ocuparam novamente o centro da cena. A partir dos fatos e registros na imprensa, é possível revisitar sua trajetória e avaliar o lugar que ocupavam nesse momento em que chegavam aos 60 anos de idade, assim como nos anos seguintes. Vamos acompanhar a atuação de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia e Anita Malfatti a partir da década de 1950 até seu falecimento, e a de Mário de Andrade em seus últimos anos de vida, pouco antes dessa década.

Palavras-chave: Anita Malfatti; Mário de Andrade; Menotti Del Picchia; Oswald de Andrade; Tarsila do Amaral.

ABSTRACT

In 1922, when the “Semana de Arte Moderna” was held, except for Di Cavalcanti (1897-1976), its main creators and protagonists, Anita Malfatti (1889-1964), Oswald de Andrade (1890-1954), Guilherme de Almeida (1890-1969), Menotti Del Picchia (1892-1988) and Mário de Andrade (1893-1945), were around 30 years old. In the 1950's, when the 30th anniversary of the “Semana de 22” was celebrated, they once again took center stage. From the facts and records in the press, it is possible to revisit their trajectory and assess the place they occupied at the time they reached the age of 60, as well as their trajectory in the following years. We will follow the life and the work of Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia and Anita Malfatti from the 1950s until his death, and that of Mário de Andrade, in his last years of life, shortly before that decade.

Keywords: Anita Malfatti; Mário de Andrade; Menotti Del Picchia; Oswald de Andrade; Tarsila do Amaral.

Em 1922, quando a Semana de Arte Moderna foi realizada, seus principais idealizadores e protagonistas: Anita Malfatti (1889-1964), Oswald de Andrade (1890-1954), Guilherme de Almeida (1890-1969), Menotti Del Picchia (1892-1988) e Mário de Andrade (1893-1945) tinham em torno de 30 anos, excetuando Di Cavalcanti (1897-1976).

O auge da carreira deles se situa nos anos 1920, período de produção de obras consagradas e até hoje reconhecidas nacional e internacionalmente. As viagens à Europa, a leitura e os estudos, o contato com artistas estrangeiros, a circulação de sua produção em publicações e exposições, a ampla atuação nos jornais e revistas e a vasta bibliografia sobre eles fazem com que, neste centenário da Semana de 22, sejam relidos, discutidos e festejados com alarde. Tarsila do Amaral (1886-1973), embora não tenha participado do evento, pois se encontrava em Paris em fevereiro de 1922, se juntou ao grupo em junho e se tornou a artista modernista mais conhecida no Brasil e no exterior.

Com a quebra da bolsa de Nova York, a Crise de 1929 e o novo contexto político e social, a trajetória de vida e a obra de todos eles mudaram substancialmente. A produção artística tomou novos rumos e a suas carreiras seguiram caminhos diversos, com momentos de maior ou menor reconhecimento, variáveis em cada caso.

Nos anos 1950, quando se comemoraram os 30 anos da Semana de 22 e outras efemérides referentes a publicações e eventos, eles ocuparam novamente o centro da cena. A partir dos fatos e registros na imprensa, é possível revisitar sua trajetória e avaliar o lugar que ocupavam nesse momento em que chegavam aos 60 anos de idade, assim como sua atuação nos anos seguintes.

Vamos acompanhar Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia e Anita Malfatti a partir da década de 1950 até seu falecimento, e Mário de Andrade em seus últimos anos de vida, pouco antes dessa década.

“SEXAGENÁRIO NÃO, MAS SEX-APPEAL-GENÁRIO”

Podemos sintetizar da seguinte maneira a trajetória de Oswald de Andrade, com destaque para suas publicações. Nos anos 1920, casado com Tarsila do Amaral, fez várias viagens à Europa, foi ao Oriente, circulou pelo Brasil, frequentou altas rodas sociais, se envolveu em polêmicas, colaborou em jornais e revistas e publicou várias obras:

os livros de poemas *Pau-Brasil* (1925) e *Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade* (1927); os romances *Os Condenados*, 1922 (primeiro volume de *A Trilogia do Exílio*), *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1924) e *A Estrela de Absinto*, 1927 (segundo volume de *A Trilogia do Exílio*); o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1924) e o *Manifesto Antropófago* (1928). Nos anos 1930, após separar-se de Tarsila e casar-se com Pagu, empobreceu em consequência da crise de 1929, tornou-se comunista, fundou o jornal *O Homem do Povo* (1931), publicou os romances *Serafim Ponte Grande* (1933) e *A Escada Vermelha*, 1934 (terceiro volume de *A Trilogia do Exílio*), e as peças de teatro *O Homem e o Cavalo* (1934), *A Morta e O Rei da Vela* (1937) – quando esteve casado com Julieta Bárbara Guerrini, após separar-se de Pagu. Percebe-se uma diminuição de sua produção já nos anos 1940, quando seus romances de *A Trilogia do Exílio* foram reeditados com o título *Os Condenados* (1941), saíram dois volumes do ciclo *Marco Zero*, *A Revolução Melancólica* (1943) e *Chão* (1945), e se publicaram *Poesias Reunidas O. Andrade* (1945). Mas foi nessa década – quando se casou com Maria Antonieta d’Alkmin – que começou a participar de congressos, elaborou teses e se preparou para se apresentar em concursos para professor na Universidade de São Paulo (USP).

Nos anos 1950, Oswald começou a escrever suas memórias e sua principal atuação foi nos jornais. Ele se ressentia do fato de não reeditar seus romances *Miramar* e *Serafim*, assim como se incomodava com a pequena circulação de suas *Poesias Reunidas O. Andrade* e por não frequentar mais os círculos sociais destacados. Envolveu-se em polêmicas, começou a ser reconhecido pelos então jovens poetas concretos, que o visitaram em 1949 (PIGNATARI, 2002, p. 23-24; CAMPOS, A., 2015, p. 193; CAMPOS, H., 2021, p. 888-889), e se tornou amigo dos jovens críticos do grupo da revista *Clima*, especialmente de Antonio Candido (2021, p. 1.168-1.172). Não se pode dizer que ele estivesse no ostracismo, pois sua presença era frequente na imprensa. Assinava a coluna *Telefonema*, no jornal carioca *Correio da Manhã*, que manteve de 1944 até as vésperas da morte, em outubro de 1954; divulgou a série *A Marcha das Utopias* (1953), em dez partes, no jornal *O Estado de S. Paulo*; publicou artigos e palestras, e concedeu 18 entrevistas. De suas memórias – que também antecipou nas páginas de *O Estado de S. Paulo* –, intituladas *Um Homem sem Profissão: Memórias e Confissões*, publicou apenas o primeiro volume, *Sob as Ordens de Mamãe* (1954). Mas enfrentava uma difícil situação financeira e seu *Diário Confessional*, que ficou inédito

até o início de 2022, revela extrema penúria, problemas de saúde, muita angústia, depressão e pensamentos suicidas.

Esse período de sua vida, sem *glamour*, é menos comentado e sua obra dessa época é quantitativamente menos estudada, mas não menos relevante. Seu casamento, em 1943, após os 50 anos, com Maria Antonieta d'Alkmin – a quem dedicou o poema *Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão* –, com quem teve dois filhos, significou, segundo ele, “o reencontro materno” – como registrou na dedicatória das memórias – e a menção à família é recorrente em suas entrevistas e no diário.

No âmbito público, seus textos, e principalmente as entrevistas, deixavam transparecer seu humor, seu espírito inventivo, suas tiradas certeiras e a intensa postura crítica e combativa que caracterizaram toda a sua vida e obra.

Às vésperas de seu aniversário de 60 anos, em 11 de janeiro de 1950, sintetizou sua trajetória em um autorretrato:

Viajei, fiquei pobre, fiquei rico, casei, enviuvei, casei, divorciei, viajei, casei... Já disse que sou conjugal, gremial e ordeiro. O que não me impediu de ter brigado diversas vezes à portuguesa e tomado parte em algumas batalhas campais. Nem de ter sido preso treze vezes. Tive também grandes fugas por motivos políticos. Tenho quatro filhos e três netos e sou casado, em últimas núpcias, com Maria Antonieta d'Alkmin. Sou livre-docente de literatura na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (ANDRADE, O., 2021, p. 1.092).

Após o aniversário, foi homenageado com um “banquete antropofágico” no Automóvel Club de São Paulo, em 25 de março de 1950. A data coincidiu com os 25 anos de Pau-Brasil, livro de poemas do autor, ilustrado por Tarsila do Amaral. Nesse evento, fez um discurso no qual transparece seu caráter combativo na defesa dos ideais de 22 e na crítica aos opositores:



Vamos acompanhar Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia e Anita Malfatti a partir da década de 1950 até seu falecimento, e Mário de Andrade em seus últimos anos de vida, pouco antes dessa década.

Este almoço não é só gastronomia. É também uma formação de batalha. [...] Estamos almoçando contra. Contra os enfezados e os bichos de conta da cultura. Contra a edificação e a falsa virtude. Contra os que caluniam, afirmando que não houve pensamento nas convulsões de 22. [...] O Brasil teve aí o seu cálido divisor de águas. Se há ainda os dromedários da reação, os aluados e os colibris do dogma, enfim, os importadores de desespero, pior para eles Paulo (ANDRADE, O., 1950, p. 9).

Concluiu de forma bem-humorada, invertendo os parâmetros étários e chamando a atenção para o vigor:

[...] chega de denunciar a minha idade pelos jornais. [...] Nasce-se velho, cheio de taras, preconceitos e hábitos vetustos mas pouco a pouco a idade traz em si a juventude. De modo que ao me despedir e ao agradecer, declaro para uso de quem quiser que há uma nova categoria da vida. Sexagenário não, mas sex-appeal-genário! (ANDRADE, O., 1950, p. 9).

Mário da Silva Brito confirmou sua vitalidade ao publicar uma entrevista que o escritor concedeu a ele em torno da homenagem: “Tem ele hoje sessenta anos, sessenta anos bem vividos e bem contados. Mas possui uma juventude invejável que nenhum dos nossos rapazes consegue superar” (BRITO, 1950, p. 255). Já no final de 1952, adoentado, ele afirmou: “Tenho 63 anos, sou cardíaco, mas topo qualquer briga. Ah! isso topo...” (BARROS, 1952, p. 302).

O retrato escrito de Oswald que Décio Pignatari construiu em maio de 1954, cinco meses antes de sua morte, ressalta a decrepitude: “Boina: fora escalpelado, para uma raspagem subcutânea. Manta nos joelhos. Olheiras. Pele pregueada, os dentes crescendo” (PIGNATARI, 2002, p. 24). Embora nas entrevistas concedidas em setembro e outubro, já mais perto do fim, se confirme essa imagem, prevalece, em contraste, a verve. Como afirma Radhá Abramo, que o entrevistou um mês antes de seu falecimento:

A face transfigurou-se, com os anos e com a moléstia. Quando Oswald olha, agora, não guarda o ar leonino e a postura agressiva de antes. Lançava o olhar por cima das pessoas, mudava de alvo constantemente. Hoje mantém o olhar quase parado, quase fixo, enquanto fala. Guarda ainda a gesticulação ilustrativa, o amor ao trocadilho, à frase de *humour*. Continua um literato (ABRAMO, 1954, p. 381).



Nos anos 1950, quando se comemoraram os 30 anos da Semana de 22 e outras efemérides referentes a publicações e eventos, eles ocuparam novamente o centro da cena. A partir dos fatos e registros na imprensa, é possível revisitar sua trajetória e avaliar o lugar que ocupavam nesse momento em que chegavam aos 60 anos de idade, assim como sua atuação nos anos seguintes.

Na última entrevista concedida, é surpreendente como ele encarava o momento com sensibilidade e resistência:

É isso, sou um velho toureiro sem direito à aposentadoria, profissional cansado que não pode encerrar suas “temporadas”. Desço à arena duas, três, até quatro vezes por ano, para enfrentar sempre o mesmo touro negro. Desarmado. Só tenho direito a levar uma capa. E cada vez é a mesma coisa. A morte, esse velho e traiçoeiro touro negro, cada vez mais sabido, mais cheio de fintas e negaceios, investe sobre mim, alucinadamente. Para minha defesa só tenho, firme no braço, a capa bicolor do amor à vida e da alegria (BRANCO, 1954, p. 389-390).

Conclui-se que, pelo menos quanto à sua imagem pública, Oswald resistiu até o fim e não se deixou abater. Como ele disse em suas memórias, “nunca abdiquei na luta feroz dos meus dias” (ANDRADE, 2002, p. 36).

“VALE A PENA CONHECER TARSILA EM SÃO PAULO, VIREI ATRAÇÃO TURÍSTICA”

Tarsila do Amaral era filha de uma rica família de fazendeiros, o que possibilitou a ela passar longas temporadas na Europa. Em 1923, sua permanência em Paris foi decisiva e, juntamente com Oswald de Andrade, conheceu os principais vanguardistas, frequentou espetáculos e eventos, viajou pela Europa e Oriente Médio. Suas obras mais conhecidas e valorizadas no mercado de arte foram concebidas entre 1923 e 1929. Sua produção desse período se vincula ao movimento Pau-Brasil e à Antropofagia, sendo seu quadro *Abaporu*, com que presenteou Oswald em seu aniversário, em janeiro de 1928, o desencadeador do *Manifesto Antropófago*, que se desdobrou na *Revista de Antropofagia* e no mencionado movimento.

A partir de 1929 – quando sua condição financeira também se alterou devido à crise mundial –, ela teve uma obra mais voltada para questões sociais, viajou à Rússia e foi presa na volta devido a essa viagem e por frequentar reuniões de esquerda. Teve uma produção também vinculada ao Surrealismo e, na sequência, oscilou entre a retomada de obras e temas anteriores e uma produção diversificada, considerada esteticamente inferior.

Ela foi uma mulher à frente de seu tempo quando se separou do primeiro marido, pai de sua filha Dulce, assim como quando se envolveu com Oswald de Andrade, com quem se casou em 1926, embora ele não tivesse conseguido a anulação de seu casamento anterior, o que impediu que fizessem um casamento religioso. Após separar-se de Oswald, relacionou-se com Osório César e depois com Luís Martins, 21 anos mais jovem que ela.

Uma mulher bela, rica e talentosa como ela não ficaria impune aos julgamentos da sociedade conservadora e retrógrada da época, como ficou registrado em sua última entrevista: “Acusada de ter sido uma mulher de muitos amantes, desmente entre amuada e triste essa reputação ‘Pois se eu sou até puritana, minha Nossa Senhora!’” (RIBEIRO, 1972). E ainda:

Havia invenções incríveis, diziam que meu atelier era como o atelier do Renoir, cheio de nus e não sei o que mais e que eu mandava espalhar pelo atelier inteiro divãs cobertos de veludos roxos, cada uma! E me confundiam com *Anita Malfatti*. Naquela época, o senhor imagina, uma jornalista do Rio chegou a escrever que o Oswald de Andrade nem chegara a se casar comigo! Falava de mim feito de um monumento em São Paulo, vale a pena conhecer Tarsila em São Paulo, virei atração turística, veja só! (RIBEIRO, 1972).

Nos anos 1950, participou da I e da II Bienal de Arte, em 1951 e 1953 respectivamente, mostras antecedidas pela retrospectiva realizada no Museu de Arte Moderna (MAM/SP), em dezembro de 1950. Realizou, em 1954, o painel *A Procissão do Santíssimo* para a exposição de História do Brasil, que integrou as comemorações do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e, em 1956, a tela *Batizado de Macunaíma*, por encomenda da Livraria Martins Editora.

Nos anos 1960, houve sua importante retrospectiva *Tarsila: 50 Anos de Pintura*, em 1969; participou, em 1963, da VII Bienal de São Paulo, em



Anita Malfatti viveu até os 74 anos. Ela é considerada a pioneira e impulsionadora do movimento modernista, pois foi a reação negativa de Monteiro Lobato à sua exposição de 1917 que motivou os jovens artistas a se mobilizarem em defesa da arte nova, o que resultou na realização da Semana de 22 e seus desdobramentos.

que teve uma sala especial, e de importantes exposições internacionais: a Bienal de Veneza, em 1964, e a mostra *Art of Latin America Since Independence*, na Universidade de Yale e na Universidade do Texas, em 1966.

Nos últimos anos de vida, sua condição econômica era desfavorável e ela vendeu seus quadros por necessidade financeira. Sua obra só começou a ser valorizada no mercado de arte nos anos 1990, ganhando mais visibilidade com a aquisição do *Abaporu* em 1995, pelo colecionador Eduardo Costantini, que passou a integrar a coleção do Malba, de Buenos Aires, em 2001; e da tela *A Lua*, pelo MoMA, de Nova York, em 2019.

As exposições retrospectivas em 1997 (Galeria de Arte do Sesi, São Paulo), em 1998 (Sala Especial na 24ª Bienal) e em 2019 (*Tarsila Popular*, Masp) fizeram com que sua obra fosse reconhecida por um público mais amplo no Brasil. No exterior, isso se deu mais extensamente com a exposição realizada pela Fundación Juan March, na Espanha, em 2009, e com a mostra *Tarsila do Amaral: Inventing Modern Art*, que esteve em cartaz no MoMA, nos Estados Unidos, em 2018.

Tarsila também foi marcada por tragédias: a morte de sua neta, Beatriz, por afogamento, em 1949; a morte de sua filha, Dulce, devido a uma crise de diabetes, em 1966; em decorrência de problemas na coluna, nos últimos anos de vida, ela ficou acamada e passou a usar cadeira de rodas. Ao ser questionada sobre isso na última entrevista que concedeu, atribui à sua religiosidade a força para continuar vivendo (RIBEIRO, 1972). Tarsila pintou até o fim da vida, tendo deixado telas inacabadas. Como ficou registrado na matéria publicada no *Jornal do Brasil* por ocasião de sua morte, ela finalizou seu último quadro no mesmo dia em que surgiram os sintomas da doença que a levou ao hospital – *Fazenda*, que foi incluído em uma exposição aberta pouco depois de sua internação (TARSILA..., 1973, p. 10). Também se afirma na mesma ocasião que:

[...] nunca deixou de pintar. Mesmo agora, quando já lhe era impossível locomover-se e suas mãos não obedeciam a seus comandos, Tarsila continuava produzindo, de volta a seu ponto de partida: a infância. Os santinhos e as cenas da fazenda saíam de seus dedos frágeis em formatos cada dia menores – suas últimas telas não têm mais que 60 cm – e de cores sempre muito suaves (LUIZ, 1973, p. 1).

Um ano antes, ao declarar não ter medo da morte, ela transmitiu uma mensagem de extrema serenidade:

Eu não tenho medo da morte e sei que ela virá na hora certa, como tudo o que me aconteceu na vida. Sempre procurei estar preparada para receber o pior. Embora morrer seja uma contingência natural. O importante é que se tenha vivido com dignidade e se haja, em todos os instantes, escolhido a melhor maneira de ser útil. Existir por existir nada significa, se a gente não empresta sentido ao fato puro e simples da existência (PINTORA, 1973, p. 10).

ENTRE A MORTE PRECOCE E A LONGEVIDADE

Mário de Andrade era mais jovem que Oswald e Tarsila, mas morreu prematuramente, em 1945, aos 51 anos. Suas obras literárias mais conhecidas são o livro de poemas *Pauliceia Desvairada*, de 1922, e o romance *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caractere*, por ele classificado como rapsódia, de 1928. Ele foi também professor e grande pesquisador da área de música, com atuação decisiva na pesquisa da cultura brasileira de modo geral, no estudo do folclore, na área de etnografia e patrimônio, na crítica literária e de arte. Atuou no Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, com uma gestão pioneira, e ainda se celebrou pela intensa troca de cartas com seus contemporâneos, como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Câmara Cascudo, Carlos Drummond de Andrade, Tristão de Athayde, Murilo Miranda, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Henriqueta Lisboa, Oneyda Alvarenga, escritores e artistas estrangeiros e jovens escritores brasileiros que sucederam sua geração.

Por ocasião de sua morte, Mário estava pessoalmente insatisfeito, enfrentava problemas de saúde e conflitos internos. Mas pôde ver sua obra ser reeditada e tinha reconhecimento como intelectual no Brasil e no exterior, recebia convites para publicações diversas e para viajar a outros países, o que sempre recusou.

O último grande evento de que Mário participou foi o I Congresso da Associação Brasileira de Escritores, que ocorreu em São Paulo, de 22 a 27 de janeiro de 1945. Encontro de gerações, proporcionou a ele estar com jovens escritores que já conhecia, permitiu que outros novatos o conhecessem pessoalmente e deu ocasião para rever velhos amigos e inimigos, como Oswald de Andrade. Ao falecer, em consequência de um infarto, no dia 25 de fevereiro, deixou inédito seu último poema *A Meditação sobre o Tietê* que, lido em chave autobiográfica, é um balanço pessimista e desencantado, testamento literário e retrato de quem se despedia da vida precocemente e amargurado:

Já nada me amarga mais a recusa da vitória
Do indivíduo, e de me sentir feliz em mim.
Eu mesmo desisti dessa felicidade deslumbrante,
E fui por tuas águas levado,
A me reconciliar com a dor humana pertinaz,
E a me purificar no barro dos sofrimentos dos homens.
Eu que decido. E eu mesmo me reconstituí árduo na dor
Por minhas mãos, por minhas desvidadas mãos, por
Estas minhas próprias mãos que me traem,
Me desgastaram e me dispersaram por todos os descaminhos,
Fazendo de mim uma trama onde a aranha insaciada
Se perdeu em cisco e pólen, cadáveres e verdades e ilusões.

[...]

Toda a graça, todo o prazer da vida se acabou (ANDRADE, M., 1987, p. 387-388).

Anita Malfatti viveu até os 74 anos. Ela é considerada a pioneira e impulsionadora do movimento modernista, pois foi a reação negativa de Monteiro Lobato à sua exposição de 1917 que motivou os jovens artistas a se mobilizarem em defesa da arte nova, o que resultou na realização da Semana de 22 e seus desdobramentos. Oswald de Andrade saiu em sua defesa. Tarsila do Amaral era sua amiga desde 1919. Mário de Andrade, após visitar a exposição mencionada, se tornou seu amigo, adquiriu vários de seus quadros e se tornou um importante interlocutor e crítico de sua obra, e ela alimentou por ele uma paixão não correspondida. Trocaram cartas afetuosas, que também tinham como tema a obra de ambos, especialmente durante a temporada de Anita em Paris, como bolsista do Pensionado Artístico, de 1923 a 1928.



Suas biografias contemplam com atenção também a maturidade, mas não há dúvidas de que há mais estudos críticos sobre sua produção dos anos 1920, considerada esteticamente mais relevante, do que sobre as obras dos períodos subsequentes.

Continuou sua carreira como pintora e foi também professora no Mackenzie College, mas o reconhecimento de sua pintura recuou ainda nos anos 1920, quando se afirma que ela regrediu em sua estética, com o chamado “retorno à ordem”. Ela fez poucas exposições individuais, algumas inclusive após os 60 anos. Sua primeira retrospectiva ocorreu no Masp, em 1949, e a última consistiu na Sala Especial dedicada a ela na VII Bienal de Arte de São Paulo, em 1963, que pode ser considerada uma consagração. A revalorização de sua obra começou apenas após sua morte e é relativamente recente, impulsionada pela exposição *Anita Malfatti: 100 Anos de Arte Moderna*, realizada no MAM/SP, em 2017.

Costuma-se apontar em sua trajetória o defeito físico na mão direita, que a levava a escondê-la sempre com um lenço de seda, o recuo estético após a crítica de Lobato em 1917, o afastamento de Mário de Andrade em 1939, o abalo com a morte da mãe em 1952, a doença que a debilitou nos últimos anos de vida. É preciso ressaltar sua perseverança e a carreira que construiu com seu próprio esforço, sem ceder às pressões, optando inclusive por um estilo simples, que assumiu a partir dos anos 1950 e ao qual foi fiel até o fim. Não deixou de ser chamada a participar das sucessivas comemorações da Semana de Arte Moderna, cujas principais exposições integrou. Sua persistência pode ser sintetizada em uma frase, que marcou as matérias em torno de sua exposição no Masp, em 1955, constituída por sua produção então recente: “Tomei a liberdade de pintar a meu modo” (BATISTA, 2006, p. 463).

Menotti Del Picchia foi o mais longevo do grupo e faleceu em 1988, aos 96 anos. Devido à sua guinada à direita e ao seu envolvimento com a política, teve um reconhecimento menor de sua obra literária, mas ocupou lugares que os demais modernistas não alcançaram, como a Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ingressou em 1943, e teve dois mandatos de deputado estadual e três de deputado federal – Oswald

de Andrade, por exemplo, se candidatou à ABL e a deputado federal, mas fracassou em suas tentativas.

No início da década de 1920, sua atuação nas páginas do *Correio Paulistano* foi fundamental para a difusão dos ideais dos modernismos. Suas obras do período, como *Juca Mulato* (1917), *As Máscaras* (1920) e *O Homem e a Morte* (1922), foram consideradas fundamentais no momento que antecedeu a Semana de Arte Moderna. Em 1926, Mário de Andrade rompeu com ele devido às críticas ao livro *Losango Cáqui*. Oswald já havia então se afastado de Menotti, mas o distanciamento maior se deu quando este, juntamente com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, aderiu ao verde-amarelismo, movimento nacionalista conservador que flertou com o integralismo e o fascismo, gerando disputas e rompimentos.

Menotti pronunciou-se na despedida de Mário, Oswald e Anita, assim como na de Victor Brecheret, Guilherme de Almeida e outros. Foi fotografado na abertura da exposição de Anita, em 1945, assim como ao lado de Tarsila nos eventos comemorativos dos 50 anos da Semana de Arte Moderna, em 1972. O título de suas memórias, *A Longa Viagem* – das quais publicou apenas dois volumes, em 1970 e 1972, que culminam na Revolução de 1930 –, aludem à sua longevidade, e ele as inicia projetando o olhar no futuro: “Sempre hesitei em começar a escrever minhas memórias. Não porque pudesse sentir nisso melancólico gosto de ocaso [,] que meu lema sempre foi o mesmo: ‘Nasço amanhã’. Completo-o euforicamente com o *carpe diem* horaciano” (DEL PICCHIA, 1970, p. 17).

A MATURIDADE E A CRÍTICA

Para compreender o lugar que a maturidade modernista ocupa na apreciação do público em geral, é preciso analisar com atenção a fortuna crítica dos modernismos. Percebe-se que, nas principais obras sobre Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, a abordagem do período de atuação das artistas nos anos 1920 mereceu muito mais atenção do que o desenrolar de sua vida e obra a partir dos anos 1950. No caso de Malfatti, a escassez de informações é marcante, inclusive quanto ao que se publica na imprensa por ocasião de sua morte. Nesse sentido, chama a atenção o fato de que até mesmo a crítica especializada não favoreceu o conhecimento da produção da maturidade dessas artistas¹.

A isso se acrescenta o fato de que, sem dúvida, o anedotário sobre o período de maior impacto, na década de 1920, prevaleceu, somando-se

¹ O período de 1950 a 1973 da vida de Tarsila do Amaral ocupa apenas cinco páginas do principal estudo sobre ela (AMARAL, 2003, p. 390-395); quanto a Anita Malfatti, é dedicado um capítulo ao período de 1950 a 1964, por sua principal estudiosa (BATISTA, 2006, p. 455-476).

o dado de que diários e outros documentos pessoais de Anita e Tarsila foram destruídos, o que contribuiu para as lacunas que só começaram a ser analisadas de forma mais detida nas pesquisas mais recentes.

Também não se pode desconsiderar as mudanças ocorridas no mercado de arte. Os valores que as telas de Tarsila do Amaral alcançam hoje estavam longe de qualquer expectativa da própria artista – pois mesmo que tenha tido obras adquiridas por instituições estrangeiras ainda em vida, o preço era incomparável. O próprio Oswald de Andrade tentou vender sua coleção de pinturas estrangeiras no fim da vida, mas não conseguiu. A atenção dada a Tarsila e Oswald e sua vida glamourosa nos anos 1920 ofusca a situação difícil que ambos enfrentaram no fim, entre problemas financeiros e de saúde, nos dois casos, e tragédias familiares, no caso específico de Tarsila.

Quanto à carreira dos escritores, também é preciso pontuar que o reconhecimento e/ou a atenção a suas obras não estão necessariamente amarrados a critérios etários. Menotti, o mais longevo, que chegou ao fim da vida em condições financeiras confortáveis, sempre teve sua obra considerada esteticamente menos relevante por seus próprios pares. Apenas *Juca Mulato*, que não era uma obra modernista, teve maior circulação e muitas edições, e o próprio autor dizia que devia ao personagem, que lhe proporcionou popularidade e votos, sua carreira política. Ele é o menos estudado entre os aqui mencionados e não há edições disponíveis de suas obras, embora se reconheça sua importância como divulgador dos modernismos, especialmente na primeira metade da década de 1920.

Mário de Andrade, que morreu cedo, é entre os aqui abordados o que alcançou maior reconhecimento em vida e ainda hoje. Porém, ele próprio financiou a publicação da maioria de suas obras, e até mesmo a reedição nos anos 1940, pela Editora Martins, foi paga parcialmente por ele. Em seu caso, pode-se dizer que a atenção ao conjunto da obra é mais homogênea, tanto por parte da crítica da época quanto da contemporânea, embora, sem dúvida, a produção que corresponde aos anos 1920 seja mais estudada; hoje, momento em que sua obra é de domínio público, há mais edições disponíveis. Não se pode ignorar que o reconhecimento em vida não foi suficiente para sua satisfação pessoal, que foi afetada por questões profissionais e dramas privados. Esse período de insatisfação de Mário, que se sucedeu à temporada no Rio de Janeiro, mas já se iniciara quando ele perdeu o cargo no Departamento de Cultura em 1938, está amplamente documentado em sua

correspondência e tem sido estudado nas publicações sobre ele (TÉRCIO, 2019, p. 433-499; CASTRO, 2016; ANDRADE, M., 2015).

No caso de Oswald, a reedição de sua obra só começou a ganhar impulso dez anos após seu falecimento, em 1964, pela editora Difel, tendo continuidade nos anos 1970 com a editora Civilização Brasileira, quando enfim seus livros chegaram a um público mais amplo. Suas biografias contemplam com atenção também a maturidade, mas não há dúvidas de que há mais estudos críticos sobre sua produção dos anos 1920, considerada esteticamente mais relevante, do que sobre as obras dos períodos subsequentes.

No século XXI, a vida pessoal dos escritores e artistas tem despertado maior interesse, o que se reflete no investimento do mercado editorial para publicar biografias e diários. Isso acaba sendo uma chance de dar mais atenção para pontos e períodos menos estudados e, por consequência, motivar a publicação e circulação de obras menos conhecidas. Ao lançar luzes sobre a vida dos modernistas no período da maturidade, é possível contribuir para desfazer mitos, elucidar fatos e evidenciar o quanto não só a produção artística, mas principalmente a recepção crítica é fruto de seu contexto. Quando a Semana de Arte Moderna chega ao centenário, é fundamental que o foco se desloque para iluminar novos estudos da vida e da obra de seus protagonistas.



Ao lançar luzes sobre a vida dos modernistas no período da maturidade, é possível contribuir para desfazer mitos, elucidar fatos e evidenciar o quanto não só a produção artística, mas principalmente a recepção crítica é fruto de seu contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, R. Estou profundamente abatido: meu chamado não teve resposta. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26-26 set. 1954, p. 6. In: ANDRADE, O. de. *Os dentes do dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2009, p. 380-387.
- AMARAL, A. A. *Tarsila: sua obra e seu tempo*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: editora 34: Edusp, 2003.
- ANDRADE, G. Do brado ao canto: Oswald de Andrade, anos 1930 e 1940. In: *Pagu/ Oswald/ Segall*. São Paulo: Museu Lasar Segall: Imprensa Oficial, 2009, p. 7-23.
- ANDRADE, M.; RIBEIRO, É. M. *Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: marco zero*. São Paulo: Edusp: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes: Imprensa Oficial, 2003.
- ANDRADE, M. *Cartas a Anita Malfatti*. Org. de Marta Rossetti Batista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- . *Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura*. Org. de Carlos Augusto Calil e Flávio Rodrigo Penteado. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.
- . A meditação sobre o Tietê. In: *Poesias completas*. Ed. crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987, p. 386-396.
- ANDRADE, O. Autorretrato de Oswald. *Diário de Notícias*, São Paulo, 8 fev. 1950. In: ANDRADE, O. *Obra incompleta*. Ed. crítica. Coord. de Jorge Schwartz. São Paulo: Edusp, 2021, tomo II, Col. Archivos, p. 1.092.
- . *Diário confessional*. Org. de Manuel da Costa Pinto. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- . *Um homem sem profissão: memórias e confissões*. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002.
- . Sexagenário, não, mas sex-appeal-genário. *Letras e Artes: Suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 159, p. 8-9, 2 abr. 1950.
- BARROS, L. A. de. Tenho 63 anos, sou cardíaco, mas ainda topo qualquer briga. Última Hora, São Paulo, 13 dez. 1952. In: ANDRADE, O. *Os dentes do dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2009, p. 302.
- BATISTA, M. R. *Anita Malfatti no tempo e no espaço*. São Paulo: editora 34: Edusp, 2006.
- BRANCO, F. O último combate de Oswald de Andrade. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 out. 1954. In: ANDRADE, O. *Os dentes do dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2009, p. 388-395.

- BRITO, M. S. O poeta Oswald de Andrade perante meio século de literatura brasileira. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 26 fev. 1950. In: ANDRADE, O. *Os dentes do dragão: entrevistas*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2009, p. 253-263.
- CAMPOS, A. de. Oswald, livro livre. In: *Poesia antipoesia antropofagia & cia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 193-203.
- CAMPOS, H. de. A recepção estética de Oswald de Andrade. In: ANDRADE, O. *Obra incompleta*. Ed. crítica. Coord. de Jorge Schwartz. São Paulo: Edusp, 2021, tomo II, col. Archivos, p. 885-911.
- CANDIDO, A. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: ANDRADE, O. *Obra incompleta*. Ed. crítica. Coord. de Jorge Schwartz. São Paulo: Edusp, 2021, tomo II, col. Archivos, p. 1.168-1.186.
- CASTRO, M. W. de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- DEL PICCHIA, M. *A longa viagem*. São Paulo: Martins, 1970.
- . *A longa viagem*. 2ª etapa: da revolução modernista à Revolução de 1930. São Paulo: Martins, 1972.
- . *O gedeão do modernismo: 1920/22*. Org. de Yoshie Sakiyama Barreirinhas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1983.
- FONSECA, M. A. *Oswald de Andrade (1890-1954): biografia*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- JARDIM, E. *Mário de Andrade*. Eu sou trezentos: vida e obra. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.
- LUIZ, M. Tarsila do Amaral: a musa ausente. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1973. Caderno B, p. 1.
- PIGNATARI, D. Tempo: invenção e inversão. In: ANDRADE, O. *Um homem sem profissão: memórias e confissões*. Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Globo, 2002, p. 23-27.
- PINTORA não tinha medo da morte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1973. 1º Caderno, p. 10.
- RIBEIRO, L. G. Tarsila do Amaral: a última entrevista. *Veja*, São Paulo, 23 fev. 1972. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/04/tarsila-do-amaral-ultima-entrevista.html>. Acesso em: 18 out. 2022.
- TARSILA morre de madrugada e é sepultada à tarde. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jan. 1973, 1º Caderno, p. 10.
- TÉRCIO, J. *Em busca da alma brasileira: biografia de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.